



O SEBASTIANISMO NA OBRA DE ARIANO SUASSUNA

A arte de Ariano Suassuna celebra o Brasil, seu povo e sua cultura. Algumas temáticas da nossa história aparecem na obra do escritor. Aqui trazemos o um pouco da relação dessa obra com o sebastianismo, na esperança de inspirar discussões em sala de aula, indicações de leituras para professores e alunos, e também, quem sabe, projetos interdisciplinares.

Talvez o evento mais discutido no contexto do sebastianismo no Brasil seja Canudos, que é um tema recorrente nas falas públicas de Suassuna. Aqui vai o link para um artigo (bem curto, de uma página) escrito por ele sobre o tema para a Folha de São Paulo, em 1999: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0712199907.htm>

Suassuna via no sebastianismo uma reação do povo contra as diversas opressões às quais se via submetido, uma forma de buscar “alçar-se ao sonho”. Nesse artigo, o escritor reflete sobre as opressões que significaram a destruição do arraial de Canudos e sobre como elas persistem atualmente no Brasil:



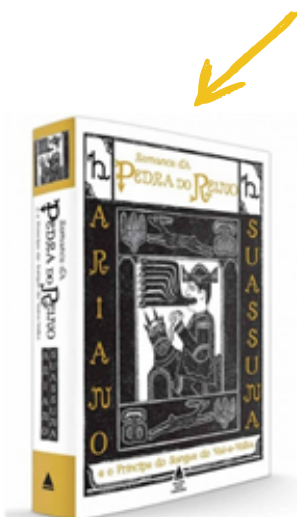
Os acontecimentos de Canudos continuam a se repetir a cada instante. Em todos os lugares. Em todos os campos de atividade. Diariamente, incessantemente. Quando, no interior do país, uma milícia de poderosos, governamental ou não, assassina um pobre posseiro e sua família, é o Brasil dos que incendiaram e arrasaram Canudos que está atirando no Brasil real e matando seu povo.

Nesse pequeno trecho transcrito, já dá para perceber que, apesar de ter mais de 20 anos, esse artigo poderia ter sido escrito hoje!





Como se sabe, Canudos não foi o único lugar em que se propagou o sebastianismo no Brasil. Em uma de suas obras mais conhecidas, o **Romance d'A Pedra do Reino** (1971), Suassuna parte de um doloroso episódio que aconteceu no século XIX na Pedra Bonita, em Pernambuco:



Entre 1835 e 1838, um arraial sebastianista se formou no local. No dia 14 de maio de 1838, o autoproclamado rei do grupo, anunciou que D. Sebastião estava decepcionado com seus súditos e, para garantir sua volta e a criação de um reino encantado de justiça, as duas torres de pedra deveriam ser banhadas em sangue. Os primeiros sacrifícios foram voluntários, mas a certo ponto passou a ser um massacre coletivo, em que, ao longo de três terríveis dias, dezenas de pessoas, inclusive crianças, e também animais morreram.

Dom Pedro Dinis Quaderna, narrador do romance de Suassuna, afirma ser herdeiro do verdadeiro trono brasileiro (diferente dos falsos de Bragança) por ser descendente “em linha direta paterna” dos reis da Pedra Bonita.

Ao dar ao episódio sangrento um tom de resistência, e ao recriar esteticamente as circunstâncias que o cercaram, Suassuna mostra um caminho possível de reaproximação do passado a partir de um novo ângulo. Hoje em dia, após o contato com o livro, a cidade de **São José do Belmonte**, terra da Pedra do Reino, celebra sua história com manifestações culturais como a Cavalgada à Pedra do Reino, evento que já acontece há quase trinta anos!



Foto da Cavalgada à Pedra do Reino de 2015, por Anaís Simões



O romance de Suassuna também teve uma adaptação para a televisão feita pela rede Globo em 2007. É uma minissérie dirigida por Luiz Fernando Carvalho e protagonizada por Irandhir Santos no papel de Quaderna.



Na essência, no fundamental, o ser humano permanece o mesmo. Então, eu acho que aquela história da Pedra do Reino é uma história capaz de atingir todos os lugares do mundo e capaz de atingir todos os tempos que o mundo venha a viver. Porque ela toca num problema humano, que é esse desejo de se alçar acima de si mesmo em busca de uma realidade maior do que a realidade que nos cerca. O sebastianismo vem daí.

Link para a entrevista: completa: <https://www.youtube.com/watch?v=LzPDkPujWWA>

Para quem quiser se aprofundar no tema, o episódio da Pedra Bonita está narrado nos Folhetos V a X do *Romance d'A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna, e aparece também, sob diversos ângulos, nas seguintes obras: *Memória sobre a Pedra Bonita ou Reino Encantado*, de Antônio Ático de Sousa Leite, *O Reino Encantado - crônica sebastianista*, de Araripe Júnior, *Pedra Bonita*, de José Lins do Rego, e *São José do Belmonte (PE) - História*, de Valdir José Nogueira de Moura.

